

Banqueiro adverte que a recessão poderá voltar

PAULO FIGUEIREDO

SÃO PAULO — A economia brasileira enfrenta risco muito alto de entrar num processo de estagflação nos próximos meses, podendo mergulhar em outro ciclo recessivo até o final do ano, caso Governo não implemente, a curto prazo, novo plano de estabilização, baseado em medidas de caráter ortodoxo, para tentar conter a explosão inflacionária, adverte o Vice-presidente-executivo do Banco Real, Juarez Soares.

Para o banqueiro, é muito grande o grau de incerteza em que vive hoje a economia, por causa da lentidão do Governo na tomada das decisões, o que leva os agentes econômicos a se anteciparem às determinações das autoridades, como no caso do realinhamento dos preços.

Juarez Soares considera que o Plano Cruzado fracassou, e chega mesmo a questionar se ele foi efetivamente programa de estabilização ou uma mera jogada política do Governo para vencer as eleições de novembro. Para o Vice-presidente do Banco Real, diante da alta inflacionária prevista para os primeiros meses desse ano e a consequente elevação das taxas de juros nominais, as autoridades econômicas deveriam autorizar o retorno imediato da indexação do sistema financeiro, com objetivo de proteger os investidores e evitar esvaziamento da poupança nacional.

Em entrevista exclusiva ao GLOBO, Soares expressa a opinião de que serão muito difíceis as negociações com os bancos credores e prevê que o acordo para o reescalonamento da dívida externa somente deverá ser assinado no fim do ano.

GLOBO — Qual a avaliação que o senhor faz do comportamento dos bancos no ano passado?

Soares — O comportamento dos bancos no ano passado tem necessariamente de ser dividido entre os dois semestres. Nos primeiros seis meses, nós tivemos dois meses tranquilos, que foram janeiro e fevereiro, onde os ganhos inflacionários obtidos pelo sistema financeiro acompanharam a tendência dos anos anteriores. Mas, após a implementação do Plano Cruzado, em 28 de fevereiro, as instituições financeiras en-



Juarez defende medidas ortodoxas

frentaram grandes dificuldades, com perdas de receita muito grandes, não só do lucro inflacionário que obtinham os bancos com o "float" dos recursos em trânsito, mas também pela aplicação da tablita.

Mas, já no final de junho, os bancos já tinham se ajustado à nova realidade econômica, por causa dos cortes drásticos de despesas, como redução de pessoal e número de agências. A partir de agosto, o sistema praticamente se encontrava equilibrado e, com a política monetária mais restritiva do Banco Central pressionando as taxas de juros para cima para conter o aquecimento da demanda, aumentou substancialmente a rentabilidade dos bancos. Não só pelo "spread", mas porque as instituições tiveram condições de emprestar seus recursos próprios a taxas mais altas. A previsão que se tem é de que no segundo semestre, de forma global, o setor bancário deverá ter registrado crescimento nominal de lucros de 30/40 por cento, em comparação com o primeiro.

GLOBO — Qual é a sua expectativa para este ano?

Soares — Não consigo ver 1987 com otimismo, mas com muita preocupação. Creio que para a economia brasileira este ano será bem pior que 1986. Estamos ainda em janeiro e vemos um grau de incerteza terrível para todos os setores da economia.

Isso porque o Governo é muito lento nas suas tomadas de decisões, o que leva a sociedade a se antecipar às distorções que estão ocorrendo em decorrência do fracasso do Plano Cruzado e que já deveriam ter sido corrigidas pelas autoridades. O exemplo mais flagrante é o do realinhamento de preços, no qual é visível que o Governo está totalmente a reboque das decisões tomadas pelos agentes econômicos.

GLOBO — Na sua opinião, então, o Plano Cruzado foi um fracasso?

Soares — Não há mais dúvidas hoje de que o Plano foi ineficiente. O que a gente se pergunta atualmente é se o Cruzado foi realmente um programa de estabilização da economia ou uma mera jogada política do Governo para vencer as eleições, tal foi o improviso das medidas. Porque analisando o plano hoje, você conclui que ele se resumiu em extinguir a correção monetária, colocar a tablita, beneficiando os devedores e prejudicando os credores e poupadores e congelar os preços. Fora disso, não teve mais nenhuma sequência, tanto que, logo após o anúncio do Cruzado, as autoridades anunciaram uma profunda reforma do sistema financeiro, que no final acabou sendo abortada.

GLOBO — Mas por que o Cruzado fracassou?

Soares — O problema é que não foi dada uma sequência lógica, estrutural, na primeira etapa do Cruzado. Porque todo mundo tinha consciência de que só o congelamento não teria condições de sustentar o programa de estabilização por muito tempo. Já no final de março eu alertava, como muitos outros empresários, que a demanda estava muito aquecida e que haveria especulação e ágio. Não sou nenhum gênio para prever, mas qualquer sujeito participante da atividade econômica sabia que isso iria acontecer por causa do congelamento e do desequilíbrio entre oferta e demanda, provocado pelo aumento real da massa de salários dos trabalhadores.

Na época, o Governo tinha obrigação de corrigir os rumos da economia. Hoje, todos nós estamos tomando consciência das profundas divergências que ocorreram na im-

plantação do Cruzado, a começar pelo gatilho salarial, que se transformou num elefante branco nas mãos do Governo. O gatilho é pior que reajuste trimestral de salários, porque ele é realimentador da inflação e, se for mantido, certamente teremos uma nova explosão inflacionária. O gatilho terá de ser desmontado; o custo político será terrível, mas a economia não suporta esse mecanismo.

GLOBO — Em sua opinião, o Brasil poderá entrar numa nova recessão?

entrar num processo de estagflação, ou seja, redução no nível de atividade conjugada com alta de inflação. Se você me pedir para mostrar estatísticas, não tenho como provar. É mais um sentimento de que a economia está começando a ficar paralisada. Evidentemente que isso não ocorre em 10 ou 20 dias, mas a minha impressão é que, até março, estaremos com inflação cada vez mais ascendente, provocada pela necessidade de realinhamento de preços, ao mesmo tempo em que a demanda cairá por causa do Imposto de Renda que os assalariados terão de pagar. Na minha opinião, teremos grandes possibilidades de entrar num novo ciclo recessivo até o final do ano se não forem adotadas medidas imediatas e de caráter ortodoxo para reorganizar a economia.

GLOBO — Mas não poderia ser feito novo choque heterodoxo?

Soares — Não há a menor condição de se fazer novo Plano Cruzado, com o congelamento de preços por um novo período. Não haveria condições econômicas nem psicológicas para isso, bem como não existem capacidades ociosas nem estoques na indústria para comportar outro choque heterodoxo. E tem outro fator: depois do excessivo congelamento, os mecanismos de burla já estão implantados, ou seja, para o Governo destruir a prática do ágio terá de colocar todo mundo na cadeia, o que é impossível.

GLOBO — Outro ponto preocupante é a dívida externa. O senhor acredita que o País conseguirá fechar acordo com os credores?

Soares — A situação externa também é muito preocupante. O problema é que os credores estão muito bem preparados para discutir conos-

co. Nos não vamos chegar lá e em 15 dias fechar acordo. Eles sabem mais sobre a nossa economia — que estamos sem reservas, com inflação alta e dificuldades para gerar superávits comerciais elevados — do que o Governo, e por isso não tenho dúvidas de que será uma negociação muito difícil. Creio que será possível chegar a um bom termo, mas certamente o acordo para o reescalonamento da dívida externa brasileira só deverá ser assinado no final desse ano. Veja o caso do México, cujo acordo foi anunciado com toda a pompa em novembro e, até agora, o país não viu a cor do dinheiro. Quer dizer, ainda que os credores firmem acordo em junho, sem o aval do Fundo Monetário Internacional (FMI), e sem resolver a questão do Comind e Auxiliar, acredito que o acordo vai demorar muito tempo para sair.

GLOBO — O Brasil precisará de dinheiro novo?

Soares — O Brasil certamente precisará de US\$ 5 bilhões (Cz\$ 78,3 bilhões) em dinheiro novo para poder fechar o ano com reservas cambiais em níveis razoáveis, algo de US\$ 3 a 4 bilhões (de Cz\$ 46,98 bilhões a Cz\$ 62,6 bilhões).

Por outro lado, nós tivemos em 1986 todas as condições externas favoráveis, as quais não sei se perdurarão este ano. Pelo menos os preços do petróleo já estão com movimento de alta, o que vai complicar a nossa balança comercial. E tem o complicador do déficit dos Estados Unidos, o que poderá forçar o governo americano a adotar política monetária mais restritiva, com a consequente elevação dos juros. O mais grave, é que o Governo brasileiro tinha todas as condições de fazer uma excelente renegociação da dívida no ano passado, logo após o Plano Cruzado.

Estive em maio nos Estados Unidos e os banqueiros consideravam o Brasil o melhor país do mundo. A boa vontade com o nosso País era indiscutível. Mas o Governo, levado pelo entusiasmo do Cruzado, acreditou que seria possível realizar um acordo melhor no fim de 1986. A verdade é que certamente qualquer que seja o acordo firmado com os bancos credores agora será menos vantajoso do que o País poderia ter obtido no primeiro semestre de 86.